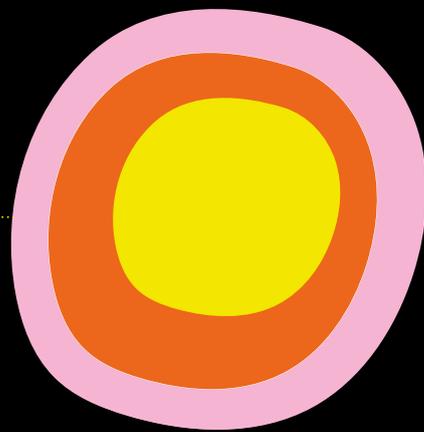
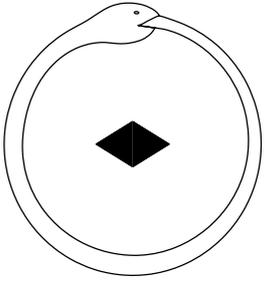


GENTE É PRA BRILHAR
Cafira Zoé e Camila Mota



cadernos
SELVAGEM



GENTE É PRA BRILHAR

Cafira Zoé e Camila Mota

Este caderno foi elaborado a partir das falas de Camila Mota e Cafira Zoé sobre o Sol, gravadas no dia 24 de abril de 2024, no Teat(r)o Oficina Uzyna Uzona, em São Paulo. O evento contou ainda com falas de Júlia de Carvalho Hansen, Eduardo Góes Neves, José Miguel Wisnik, convidados a se alinharem no teatro como Júpiter, Terra e Saturno. Camila Mota e Cafira Zoé, nesta trilha de planetas, foram Vênus e Plutão. A fala de Camila e Cafira, além dos demais convidados da noite, pode ser [acessada aqui](#) como parte do Ciclo Sol, que conta com 17 narrativas.

CAFIRA ZOÉ

antes do mundo existir, ele existia. um mundo nasceu do cruzamento do esperma de uma pétala com a pele de uma pedra ovular. não havia nem macho nem fêmea de nenhuma espécie y as palavras homem, mulher, jamais existiriam porque não significariam nada. tudo era vida y criação. o sol, uma bola de fogo reluzente, nem homem, nem mulher, se deitava quando queria y a lua, uma esfera prata-cintilante, nem mulher, nem homem, aparecia durante o dia sempre que desejava. da primeira chuva vieram seres humanos de todas as espécies. dos granizos nasceram os vales y montanhas graníticas; das tempestades vieram os seres mais intempestivos; do orvalho vieram as avós y as estrelas, avós não tinham gênero, algumas nasciam humanas, outras antigas árvores, até dar-nos carcarás que são avós de asas; as coisas chamadas pessoa precisariam aprender a lidar com o instinto: existir junto, as coisas chamadas bicho também; as plantas precisariam aprender a forjar o ar: respirar junto; as algas nunca teriam medo; os tubarões-martelo y as foices ensinariam os caminhos da luta, outros viriam depois. a luta foi uma palavra parida desde que o mundo existiu. a natureza não é o reino do equilíbrio perpétuo, onde todos estariam no seu lugar... é um espaço para a invenção permanente de novos seres vivos que alteram totalmente o seu equilíbrio! todos os seres migram, todos os seres ocupam a casa

de outros, a vida, basicamente, é só isso: antenas de gafanhotos captando abalo sísmico iminente. cerca não prende rio. todos os elementos são fluídos, a própria pedra é fluída, a educação pela pedra, sabedoria geológica. antes de ser país, éramos árvore. no princípio era o movimento. o primeiro camaleão abriu os olhos y disse: tudo que é vivo – y também morto – transmuta

• • •

texto de cafira zoé, para a dramaturgia do espetáculo mutação de apoteose, do teat(r)o oficina uzyna uzona, direção de camila mota.

CAMILA MOTA

Numa outra cosmogonia de teatro, que constitui também este espaço de teatro, uma cosmogonia que vem de *As bacantes*¹, diz da criação, da invenção e do nascimento de Dionísio. Essa dramaturgia, que foi traduzida e transcrita aqui no Teatro Oficina, é uma das peças que constituem a escrita desse desenho arquitetônico, feita por Zé Celso, Catherine Hirsch, Denise Assunção, Marcelo Drummond. A cosmogonia de Dionísio, esse ser que atua em teatro, é composta pelos sete primeiros cantos d'*As bacantes*. Das bacantes, que praticam o teatro.

Logo nos primeiros cantos, a gente canta que, para existir em teatro,
a gente tem que fazer
pra mim,
pra si – que é um outro diretamente –
e pro Sol.

O Sol, além do astro Sol, é também todo o caminho até o Sol e tudo o que povoa o caminho até o Sol. Então, para qualquer ser atuante, qualquer ser de teatro que atue, é sempre preciso e necessário estar muito atento a esses três vetores, a essas três interfaces de contracenação que são
o eu, o outro e o tudão.
O Sol também como um tudão.

1. Tragédia grega de autoria de Eurípedes, que conta sobre o deus Dionísio e seu retorno a Tebas.

E esse espaço aqui, especificamente, o Teatro Oficina, é um lugar muito tnhoso. Atuar e trabalhar aqui é difícil, porque é um lugar tnhoso, um lugar onde se dá muito e se vive a angústia e a delícia de se dar muito. Mas é preciso estar sempre buscando o equilíbrio dessas três forças:

pra mim, pra si, pro Sol.
pra mim, pra si, pro Sol.

E essa é uma medida que faz com que a gente consiga ser mais tnhoso que o tnhoso. Porque a gente tem que estar sempre atento ao que acontece. Um processo de teatro, às vezes, vai de Sol a Sol.

Ele vai de Sol a Sol,
ele nasce, ele morre,
ele nasce, ele morre.

Ele vai de Sol a Sol e isso exaure. O corpo é a própria matéria da agricultura. Tem um momento em que ele dá mais, que ele brota, e outro em que ele fica no seu inverno. E para isso é preciso estar sempre equilibrando:

pra mim, pra si e pro Sol.

CAFIRA ZOÉ

A tarde ardia com cem sóis²
O verão rolava em julho.
O calor se enrolava
no ar e nos lençóis
da *datcha* onde eu estava,
Na colina de Púchkino, corcunda,
o monte Akula,
e ao pé do monte
a aldeia enruga

2. Poema "A Extraordinária Aventura vivida por Vladimir Maiakóvski no Verão na Datcha", de Vladimir Maiakóvski. Tradução de Augusto de Campos, publicada na edição *Poemas*, de Maiakóvski, organizada por Boris Schnaiderman, Augusto e Haroldo de Campos (Editora Perspectiva, 2003).

a casca dos telhados.
E atrás da aldeia,
um buraco
e no buraco, todo dia,
o mesmo ato:
o sol descia
lento e exato
E de manhã
outra vez
por toda a parte
lá estava o sol
escarlate.
Dia após dia
isto
começou a irritar-me
terrivelmente.
Um dia me enfureço a tal ponto
que, de pavor, tudo empalidece.
E grito ao sol, de pronto:
“Desce!
Chega de vadiar nessa fornalha!”
E grito ao sol:
“Parasita!
Você, aí, a flamar pelos ares,
e eu, aqui, cheio de tinta,
com a cara nos cartazes!”
E grito ao sol:
“Espere!
Ouça, topete de ouro,
e se em lugar
desse ocaso
de paxá
você baixar em casa
para um chá?
Que mosca me mordeu!

É o meu fim!
Para mim
sem perder tempo
o sol
alargando os raios-passos
avança pelo campo.
Não quero mostrar medo.
Recuo para o quarto.
Seus olhos brilham no jardim.
Avançam mais.
Pelas janelas,
pelas portas,
pelas frestas
a massa
solar vem abaixo
e invade a minha casa.
Recobrando o fôlego,
me diz o sol com a voz de baixo:
“Pela primeira vez recolho o fogo,
desde que o mundo foi criado.
Você me chamou?
Apanhe o chá,
pegue a compota, poeta!”
Lágrimas na ponta dos olhos
– o calor me fazia desvairar,
eu lhe mostro
o samovar:
“Pois bem,
sente-se, astro!”
Quem me mandou berrar ao sol
insolências sem conta?
Contrafeito
me sento numa ponta
do banco e espero a conta
com um frio no peito.

Mas uma estranha claridade
fluía sobre o quarto
e esquecendo os cuidados
começo
pouco a pouco
a palestrar com o astro.
Falo
disso e daquilo,
como me cansa a Rosta,
etc.
E o sol:
“Está certo,
mas não se desgoste,
não pinte as coisas tão densas.
E eu? Você pensa
que brilhar
é fácil?
Prove, pra ver!
Mas quando se começa
é preciso prosseguir
e a gente vai e brilha pra valer!
Conversamos até a noite
ou até o que, antes, eram trevas.
Como falar, ali, de sombras?
Ficamos íntimos,
os dois.
Logo,
com desassombro
estou batendo no seu ombro.
E o sol, por fim:
“Somos amigos
pra sempre, eu de você,
você de mim.
Vamos, poeta,
cantar,

luzir
no lixo cinza do universo.
Eu verterei o meu sol
e você o seu
com seus versos.”
O muro das sombras,
prisão das trevas,
desaba sob o obus
dos nossos sóis de duas bocas.
Confusão de poesia e luz,
chamas por toda a parte.
Se o sol se cansa
e a noite lenta
quer ir pra cama,
marmota sonolenta,
eu, de repente,
inflamo a minha flama
e o dia fulge novamente.
Brilhar para sempre,
brilhar como um farol,
brilhar com brilho eterno,
Gente é pra brilhar
que tudo o mais vá pro inferno,
este é o meu slogan
e o do sol.

Maiakovski fez esse poema sobre o Sol que Caetano Veloso comeu, porque a vida é uma devoração profunda.

E o Sol no teatro? Eu não sei se ele está em todos os teatros, porque alguns são umas caixinhas quadradas, vedadas e o Sol nem consegue chegar muito perto. Mas aqui neste teatro, o Sol é protagonista. Não um protagonista assim demasiado humano, que se acha, um protagonista arrogante. Ele é um protagonista coral, ligado com a vitalidade da linguagem das peças que se fazem aqui.

Esse janelão de vidro no nosso jardim foi pensado pelas dramaturgias que foram sendo vividas no corpo e pariram a força desse teatro. Aqui no Teatro Oficina, arquitetura, edifício, terreiro de teatro e dramaturgia não se dissociam. São profundamente ligadas numa relação simbiótica. Esse janelão precisou existir porque o Sol importa. O Sol importa para a dramaturgia. O Sol importa para a emoção que dá no corpo, para a materialização da metamorfose na célula, quando a gente chega para aquecer os corpos, para aquecer a máquina. O Sol importa como um pensamento de teatro, porque o Sol também pensa. Essa árvore pensa.

Essa árvore é uma Cesalpina. Ela foi plantada pela Lina Bo Bardi e tem quase a minha idade. Ela foi plantada nos anos 80, com as raízes dentro do chão do teatro, no chão de terra. Ela é a primeira flecha em direção a uma luta que hoje, 30 e tantos anos depois, nós estamos vencendo. A luta é uma palavra parida desde que o mundo existiu. Nós do teatro, em aliança com outros povos dessa terra chamada Bixiga, dessa terra chamada São Paulo e dessa terra mais ampla que nos recebe, lutamos essa luta pela proteção do último chão de terra livre do centro da cidade de São Paulo.

A gente sempre fala último chão de terra livre. Mas livre do que? De uma grande e compulsória verticalização falocêntrica, patriarcal, capital-extrativista da vida. Este é o último olho de terra. Embaixo desse olho de terra em que estamos inseridos – porque o Teatro Oficina é um teatro dentro desse território, dentro dessa floresta que vai vingar com o rio Bixiga... existe um rio! Esse rio está correndo a 4 metros do chão e isso é muito perto. E, muito recentemente, descobrimos que esse rio tem uma água potável. Uma água de beber. Isso me deixa completamente alucinada imaginando quantas águas de beber correm embaixo da cidade de São Paulo com as pessoas passando sede, com os animais passando sede por cima.

E, no entanto, as águas que correm embaixo se revoltam e sobem. Por conta do processo de urbanização estúpido,

choram a cidade
ou lavam a cidade
ou banham a cidade com as enchentes.

Esse rio Bixiga vai vir à tona. Nós estamos num momento absolutamente solar desse teatro, na sua vitalidade de luta, tendo ao nosso lado toda a ancestralidade que veio antes de nós e antes desse teatro, porque o Teatro Oficina é antigo.

Zé Celso, numa entrevista no Roda Viva³, na época d'Os sertões⁴, porque ele estava com um barbão de Antônio Conselheiro, recebe uma pergunta de um jornalista: “Zé, e depois que o Zé morrer tem Teatro Oficina?”

E aí, Zé respondeu: “Mas é claro!”

Ele diz algo assim: “O Teatro Oficina não sou eu. Ele está aqui muito antes de mim.”

Ele era/é
uma antena captando abalo sísmico iminente
e que captou absolutamente bem
genialmente bem
absolutamente
eletricamente
precisamente
captou a mensagem.

E conseguiu dar vida a uma terra de teatro, um terreiro de teatro em orgia com uma multiplicidade de povos. Ele conseguiu forjar um território que, sendo um teatro ligado ao chão, ao solo e ao Sol, tem debaixo de seu palco um rio.

Um rio que se conecta ao Sol na sua prática de vitalidade e se conecta a uma questão muito importante nesse momento, que é uma prática de vitalidade para a cidade de São Paulo. Essa prática propõe a coragem da regeneração de um curso de um rio num projeto piloto para a cidade. Vamos trazer o rio Bixiga para cima, para ficar a céu aberto num trecho, sendo regenerado com a sua mata ciliar para poder dar de beber a esse bairro e também aos seres não humanos que nele vivem.

E mais do que isso, podemos pensar o seguinte: de fato, não vai ter Marte para todo mundo. Eu acho que ninguém aqui deve ter uma car-

3. Programa da TV Cultura entrevista Zé Celso Martinez Correa em 2004.

4. Livro escrito por Euclides da Cunha e publicado pela primeira vez em 1902 e transcrito em peça pelo Teatro Oficina em 2005.

teira, uma conta bancária, que dê conta de comprar uma vaga na Lua ou em Marte quando tudo isso afundar. Então, no mesmo sentido do teatro, é sempre aqui e agora. E esse é me parece ser o tempo do Sol também, não é? Aqui e agora.

Mesmo neste momento, quando o Sol não está, ele está. E eu acho que o mais importante que eu queria plantar aqui, aproveitando as presenças de todas essas órbitas, é que nós temos uma preciosidade, uma maravilhosidade para vingar nessa Terra. Vingando, vai dar de comer à imaginação de uma cidade como São Paulo, que vai dar de comer a muitos outros territórios como imaginação e como materialidade, porque é possível.

Embora o capital-especulativo finja que São Paulo nasceu um assentamento de cimento, nós sabemos que São Paulo não nasceu um estacionamento de carros. Embora o parque do rio Bixiga esteja fantasiado de estacionamento nesse momento, ele tem uma vocação sobre-humana mais que humana, uma vocação de proteção de regeneração da vida. Nesse momento, a gente está chegando numa hora decisiva. É um momento de captura da ânima de uma luta. E é por isso que é muito importante que a gente se conecte numa grande constelação estelar, terrena, que consiga segurar a onda, desejando que o que aconteça aqui seja o projeto de regeneração do rio Bixiga, não uma loja da Jequití sustentável. É muito, muito importante que a gente pense sobre isso e que se atente nas antenas, porque, quando vier o chamado, a gente chega junto.

O parque do rio Bixiga não vai ser implantado. Ele precisa ser plantado. A especulação imobiliária é o nosso garimpo, a nossa mineração, e a cidade de São Paulo vai ter que se implicar nesse processo de morte e vida, de fim de um mundo. Não vai dar para delegar.

Nesse sentido, o Sol daqui, que nós nesse momento gostaríamos de apresentar para que todo mundo recebesse um pouco desse calor, é esse rio que está aqui embaixo correndo com água potável, desejando que todo mundo corra junto com ele numa grande simbiose, respeitando a memória desse território mais amplo que é o Bixiga, território antigo, de assentamentos, quilombo urbano ancestral y atual, terra indígena, de povos de teatro, de imigrantes, nordestinos, refugiados... Porque teatro

também se planta e o Teatro Oficina não é uma monocultura. Teatro Oficina é outra coisa. Ele é uma floresta onde muitas espécies povoam. E isso é bonito.

A gente não precisa ter medo da diferença.

Ela é uma terra preta, completamente fértil.

CAMILA MOTA

Para ver a luz do Sol...

Eu acho que o Sol na dramaturgia tem vários papéis. O Sol tem vários papéis.

O Sol tem um papel de marcação de tempo.

O Sol gira, é assim mesmo invertido.

O Sol gira 9 meses em torno da terra.

Ele é uma marcação de tempo.

O Sol é também uma abertura de cena, é um farol para a tragédia que acontece.

Montamos a peça *Os bandidos*, de Friedrich Schiller. Numa das cenas, os bandidos fogem,

eles fogem

eles fogem

e conseguem sobreviver a um ataque muito grande da polícia. Eles chegam no lugar da nascente do Rio Tietê, na nossa transposição de Schiller para o aqui agora – dali de 2008 – e, de repente, Damião, que está no bando, vendo um pôr do Sol gigantesco, diz assim:

“Eu queria ser como ele, poder nascer todo dia e poder morrer todo dia.”

Eu acho que nesse sentido o teatro é o próprio Sol, ele precisa dessa dinâmica do Sol. O teatro, para existir, precisa nascer todo dia e precisa morrer todo dia.

Ele precisa nascer e apodrecer,
nascer e apodrecer.

Porque esse fluxo de você fazer uma coisa todos os dias, como o Sol que nasce e morre todos os dias, te dá a possibilidade de morrer e de renascer. Nesse sentido, o teatro e o Sol estão ali.

CAFIRA ZOÉ

Cafira Zoé (1987) é poeta, ensaísta, dramaturga, pesquisadora autônoma e artista transmídia. Atua nos campos da videoarte, do cinema experimental, da fotografia, das artes visuais e da cena, das artes do corpo e das palavras, da imaginação, do teatro e da música. Pesquisa as forças cosmopolíticas da Terra e suas insurreições vitais, as forças contra-coloniais das dissidências de gênero, sexualidade e as relações multiespécie. É mestre em Psicologia Clínica e Estudos da Subjetividade (PUC-SP) com a dissertação *cerca não prende rio*, sob orientação do Professor e Filósofo Peter Pál Pelbart. Faz parte do Teat(r)O Oficina Uzyna Uzona desde 2015, é co-fundadora do coletivo de artes visuais expandidas, arquivo mangue, criado em 2018, indicado ao Prêmio Pipa 2024. É sapa-tão trinca-gênero e transfeminista.

CAMILA MOTA

Camila Mota (1974) é atriz, dramaturga, diretora, produtora, compositora, cantora e artista visual. Entrou para a Cia Teat(r)O Oficina Uzyna Uzona em 1997, sob a direção de José Celso Martinez Corrêa, atuando como atriz, estrategista e co-diretora de inúmeros projetos desde então. Em 2019 dirigiu o espetáculo de abertura da FLIP, uma devoração de *Os sertões* para o aqui-agora. Foi a primeira mulher a dirigir um espetáculo da companhia, com *Mutação de apoteose* (2023-2024). É diretora da produtora Cabra Filmes, com vasta trajetória no audiovisual brasileiro e videoartista, artista visual e performer no arquivo mangue, dupla de criação em artes visuais transmídia de Camila e Cafira Zoé, indicado ao Prêmio Pipa 2024.

O trabalho de produção editorial dos Cadernos Selvagem é realizado coletivamente com a comunidade Selvagem. A direção editorial é de Anna Dantes, a coordenação é de Alice Faria. A diagramação é de Tania Grillo. Mais informações em selvagemciclo.com.br

Todas as atividades e materiais do Selvagem são compartilhados gratuitamente. Para quem deseja retribuir, convidamos a apoiar financeiramente as Escolas Vivas, uma rede de 5 centros de formação para a transmissão de cultura e conhecimentos indígenas. Saiba mais aqui: selvagemciclo.com.br/colabore